

Marco Aurelio: Ética e História.

Julia Annas

I

Marco Aurelio é geralmente considerado um Estóico Romano – de fato, seria absurdo excluir suas *Meditações* do corpus dos últimos textos Estóicos. Mas, embora isso não tenha preocupado muito o grosso de seus leitores, escolares têm sido freqüentemente atingidos por aspectos de seu pensamento que parecem ser não-Estóicos.^[1] Marco, é claro, tendo o emprego de imperado ao invés de filósofo Estóico profissional, não tem nenhuma obrigação de buscar ortodoxia; de fato ele nunca chega a declarar que é um Estóico (embora em um trabalho como o seu isso não é surpreendente). Entretanto, a questão de como, e se, sua divergência para com outros pensadores Estóicos quem consideramos centrais para a tradição é interessante filosoficamente, e não apenas historicamente.

Marco tem sido lido na tradição Estóica pelo seu histórico ético ser Estóico. O que parece ser diferente são outros aspectos de seu pensamento relacionados à ética, dois em particular. Sua visão de pessoa e de indivíduo pareceu para muitos mais Platônica do que Estóica. E algumas posições são inesperadas para um Estóico. Ele considera o mundo físico efêmero, e freqüentemente, repulsivo, em um grau que seria com certeza surpreendente para Crisipo. E ele está surpreendentemente aberto a entreter a idéia de que o mundo pode não ser, como defendem os Estóicos, produto de uma sábia Providência, mas, como Epicuristas acreditam, produto do acaso causado pela colisão aleatória de átomos. Nesse artigo, eu devo ter menos a dizer sobre seu suposto Platonismo a respeito do indivíduo, mas terei algo a dizer sobre a atitude de Marco em relação à Providência e sua relação com a ética que ele tanto se esforçava para viver de acordo. O que está acontecendo quando Marco traz a possibilidade uma nova Providência? Como que seu pensamento ético está relacionado ao que geralmente aparece relacionado ao seu histórico? Será a aproximação de Marco a metafísica e sua relação à ética algo não-estóico, coisa que um Estóico mais ortodoxo rejeitaria, ou é algo que eles poderiam confortavelmente aceitar?

II

^[1] Cf. J. Rist, 'Are you a Stoic? The case of Marcus Aurelius', em B.F. Meyer e E.P. Sanders (eds), *Jewish and Christian Self-Definition*, Philadelphia 1982, 23-45; E. Asmis, 'The Stoicism of Marcus Aurelius', *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, ed. W. Haase and H. Temporini, II, 36.3, 2228-2252. P. A. Brunt, em 'Marcus Aurelius in his *Meditations*', *Journal of Roman Studies* 64 (1976), 1-20, põe Marco no seu contexto romano. O histórico intelectual de Marco está exposto em profundidade em R. Rutherford, *The Meditations of Marcus Aurelius: a study*, Oxford 1989.

It is inappropriate, therefore, to go through Marcus looking for formal adherence to theses such as that only virtue is good, while indifferents have selective value. We have to take a broader and more informal perspective.

Marco não está preocupado em passar ao leitor a estrutura formal da ética Estóica. Ele está preocupado com as implicações diárias da vida sendo um Estóico, e portanto preocupado com respostas a eventos concretos e com teses mais abstratas na medida em que essas iluminam, ou fortificam, decisões particulares. Nisso ele é como Epíteto, exceto que sua audiência é ele próprio, e não é surpresa que Epíteto seja uma forte influência nele.^{2[2]} É inapropriado, portanto, ir até Marco procurando aderência formal para teses do tipo em só a virtude é boa, enquanto indifferentes tem valor seletivo. Nós temos que ter uma perspectiva mais ampla e mais informal.

Dito isso, nós não encontramos auto-exortação ética de Marco, conselho ou ruínações que introduzam elementos não-Estóicos.^{3[3]} Ele insiste para si mesmo a manter seus pensamentos em um fim definido e embora ele não, em um meio formal, caracterize seu fim como a felicidade, ele freqüentemente reflete que sucesso em suas tentativas será uma vida ou ‘bem-fluída’ vida. Ele freqüentemente salienta a distinção entre virtude e o que um escritor mais acadêmico chamaria de indifferentes,^{4[4]} mas pensa mais em termos de razão e suas corretas tarefas do que em distinguir virtude de coisas com ‘valor seletivo’. Ele freqüentemente vê sua vida moral em termos de ser parte de um todo maior; algumas vezes isso é expressado em termos de ser um entre seres criados por natureza providencial como parte de um bem-ordenado todo, e algumas vezes em termos de ser, por virtude de ter razão, parte de uma comunidade repleta de seres racionais.^{5[5]} Onde Marco faz uso de idéias éticas não encontradas ou menos proeminentes na antiga Stoa, como a idéia de que ele pode descobrir muito de sua função ética refletindo seus diferentes papéis éticos e sociais, ele está em boa companhia.^{6[6]}

III

A psicologia moral de Marco tem algumas vezes sido caracterizada como mostrando tendências Platonizantes. Embora sua terminologia varie, ele tende a pensar em si mesmo como uma trindade: corpo, alma (algumas vezes respiração) e uma parte governante

^{2[2]} No seu primeiro livro, ele agradece Rustico por introduzi-lo nos Discursos de Epíteto. Algumas vezes, suas reflexões partem de Epíteto, como em XI 34, onde ele desenvolve uma adicional defesa a um dos ditos mais desafiadores de Epíteto.

^{3[3]} Cf II 7, 16, IV 2, V 16, XII 20.

^{4[4]} E.g. II 1, III 6, IV 8, 37, 39, V 12, VI 41, VII 58, VIII 1, IX 4.

^{5[5]} Por exemplo, II 1, 13, 16, III 4, IV 3, 4, VI 42, VII 55, VIII 34.

^{6[6]} Ver II 5, III 5, V 1, 31, XI 5. Esse tema é também proeminente em Epíteto, e é plausível que venha de Panaetio. Ver C. Gill, ‘Personhood and Personality: the Four-personae theory in Cicero, De Officiis Book 1’, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 6 (1988), 169-200. Para a aplicação Romana da idéia ver P. Brunt, ‘Stoicism and the Principate’, *Papers of the British School at Rome* 43 (1975), 7-35.

(*hegemonikon*) ou algumas vezes mente ou intelecto.^{7[7]} Onde não há nada não-Estóico nessas divisões, Marco tente a escrever como se ele devesse se identificar fortemente com a parte-governante, entendida como sua mente,^{8[8]} algumas vezes salientando que ele deveria ‘se recolher dentro’ da sua mente^{9[9]} e geralmente caracterizando a mente fora do resto do organismo físico animado de tal forma que parece criar uma tensão para a visão Estóica do indivíduo como uma unidade psicofísica, especialmente dado sua afeição ao pensar que sua mente é seu *daimon* ou espírito guardião, a deidade interna.^{10[10]}

Ainda assim, Marco lembra a si próprio algumas vezes de que ele é uma unidade psicofísica^{11[11]} e em nenhum lugar ele mostra a si próprio tentado a fazer qualquer um dos dois passos que seriam não-Estóicos: pensar na sua mente como imaterial e pensar nela como uma pessoa real, anexada ao corpo, mas separável deste e possivelmente sobrevivente a ele. A ontologia de Marco é completamente fisicalista, e portanto ele não é realmente tentado ao dualismo Platônico sobre a alma ou a mente, embora ele use linguagem Platônica para salientar a importância da retirada em si mesmo. Além disso, embora ele estava atento a tentação de acreditar na sobrevivência pessoal a morte do corpo, ele firmemente manda isso para longe (XII 5). Não há razão, então, para pensar que Marco admitidamente incomum linguagem traga consigo um dualismo não-Estóico.

IV

Alguns leitores tem estado mais perturbados pela visão de Marco do corpo, e do mundo material em geral, em surpreendentemente muitas passagens ele caracteriza o mundo material, incluindo seu próprio corpo, como não-permanente e efêmero. ‘Quão rápido todas as coisas desaparecem, tanto os corpos em si no universo, quanto a lembrança deles em todo o tempo’ (II 12).^{12[13]} Tem sido convincentemente pensado que isso mostra a influência de Heráclito.^{13[14]}

^{7[7]} Cf, II 2 (carne, uma pequena respiração e a parte governante) III 16 (corpo, alma, mente (nous) VI 32, (corpo, alma e intelecto (dianoia), XII 3 (corpo, respiração e mente).

^{8[8]} Por exemplo II 2, IV 39, X 38, XI 19, XII 2, 19

^{9[9]} Por exemplo, III 6, IV 3, VII 28, VIII 48

^{10[10]} Ver II 13, 17, III 6, 12, 16, V 27, VII 17, VIII 45, XII 26.

^{11[11]} Ver V 26, VII 67.

^{12[13]} Eu uso completamente a tradução por Robin Hard em *Marcus Aurelius: Meditation*, traduzido por Robin Hard com introdução e notas por Christopher Gill, *Wordsworth Classics of World Literature*, Ware, 1997. Cf também II 6, 17, IV 32, 35-6, 43, 46, 48, V 23, 33, VI 4, 15, 36, VII 18- 19, 25, IX 28-9, 33, 35, X 18.

^{13[14]} Isso foi salientado por A.A. Long, no fim de ‘Heraclitus and Stoicism’, pp. 35-57 of A.A.Long, *Stoic Studies*, Cambridge 1996 e antes disso no seu ‘Epictetus and Marcus Aurelius’, em *Ancient Writers*, ed. J. Luce, Scribner, N.Y., 1982, 996-1000. Cf também Asmis, pp. 2246-49.

Para Marco essa preocupação com a mudança é parte da sua insistência nas insignificâncias do mundo material^{14[15]}.

Tal atitude parece diferente daquela dos primeiros Estóicos. Embora possa ser explicada como peculiar de Marco, ela levantou pensamentos de tensão com a visão Estóica de que a natureza é para ser bem-vinda como um bom produto de design racional. Marco, entretanto, continua a sustentar a teleologia Estóica vigorosamente; ele freqüentemente se refere a bondade do mundo como um todo e a seu design geralmente para o melhor.^{15[16]} Ele defende a visão padrão Estóica de que as coisas que parecem enjoativas ou não-atrativas para nós são conseqüências de um processo natural, e em uma passagem notável declara que até as rachaduras no pão, que são de certa forma uma falha do processo de panificação, são atrativas quando consideradas justamente – de fato tudo é belo quando visto na sua correta perspectiva; até homens e mulheres idosos podem ser vistos como possuindo uma espécie de maturidade atraente (III 3; cf. VI 36). Essa maneira incomum de ver a velhice parte de uma apreciação das coisas vistas em um contexto maior; as passagens expressando repulsão são expressões da insistência de Marco em se arrastar para longe de demasiada preocupação com contextos que ele vê pessoais demais ou focados em glamour superficial. Seria errado, então, pensar em Marco como tendo uma não-Estóica atitude de rejeitar o mundo material.^{16[17]} De fato, de certa forma sua atitude é mais saudável do que a dos primeiros Estóicos, uma vez que ele não exprime o tipo objetável de antropocentrismo que os faziam dizer que a carne de porco é o único propósito do porco e que as ovelhas estão aí para nos dar lã.

V

Mais surpreendente, entretanto, é a disposição de Marco – de fato, algumas vezes sua impaciência – em entreter alternativas a posição metafísica Estóica da Providência, a visão de que o mundo como um todo é governado de certa forma que seja para o bem do todo e demonstra premeditação ou providência para isso. Esse é o fundamento central da metafísica Estóica, e Estóicos estão conscientes disso, em pensar o mundo ao longo das linhas de um produto de design, e comparando isso insistentemente a uma casa ou a uma cidade, eles estavam, provavelmente conscientemente, seguindo a direção de Platão, quem no *Timeu*

^{14[15]} Cf também II 12, IV 48, V 33, VI 13, VII 3, IX 14, 36.

^{15[16]} Ver n. 5.

^{16[17]} Similarmente, eu acho, a passagem ocasional em que ele expressa uma visão sombria de nossos prospectos para conhecimento (eg. V 10, 33, VI 57) devem ser vista, não como um comprometimento sério a uma epistemologia não-Estóica, mas meramente a um aspecto da insistência de Marco na não-permanência do mundo material; é uma nova ênfase dentro da visão de mundo Estóica.

apresenta o mundo como criado por um bom design. A única alternativa óbvia é a posição Epicurista, de que o mundo é produto do acaso causado pela colisão aleatória de átomos.^{17[18]}

Diversas vezes Marco apresenta as opções: ou Providência ou átomos. Essa é uma maneira taquigráfica de propor as alternativas: ou o mundo é produto de design, que é providencial por ser um todo, ou o mundo é o produto de processos aleatórios dos quais não há nenhum design. Marco não precisa explicitar o ponto de que a única teoria envolvendo átomos é uma que nega qualquer design ou providência no mundo. Algumas vezes ele apresenta as alternativas de que deuses se importam com nós ou não, mas isso não é uma alternativa substancialmente diferente, uma vez que os deuses, para Marco, são simplesmente um meio popular de pensar sobre o papel da razão providencial no mundo.

As passagens são frequentes e surpreendentes. Em IX 28, por exemplo, ele diz, ‘Como um todo, se existe um deus, tudo está bem; mas se é governado pelo acaso, você não deveria, por isso, permitir a si próprio ser governado pelo acaso.’

O que está acontecendo aqui? A resposta de John Rist é que ‘Marco conhece ou talvez “sente” Estoicismo como um conjunto de crenças éticas ou dogmas, cujas origens filosóficas ele perdeu a tal grau – talvez, como ele diga, por falta de tempo para estudo – que ele é tentado até a pensar que uma física atomista poderia convir a eles igualmente bem... para Marco, em termos modernos, se nós o chamamos de Estóico, então Estoicismo não é uma filosofia, como era para Zenão e Crisipo.....mas uma religião ou ‘filosofia de vida’; e é uma religião desprovida de qualquer significativa base escolástica.’^{18[19]}

Talvez, entretanto, nós possamos vir a ter conclusões menos pessimistas sobre a atitude intelectual de Marco em relação a filosofia que ele escolheu viver de acordo. No que isso segue eu tentarei demonstrar a conclusão que traz Marco mais pra perto do que pra longe da principal corrente Estóico.

VI

É importante notar que as passagens onde Marco entretém a idéia de uma visão de mundo não-Estóico ou anti-Estóico não são todas do mesmo tipo. Elas podem ser divididas mais ou menos em três, embora eu não declararia ser possível designar toda passagem firmemente a um único grupo.

Em muitas das passagens onde Marco insiste que nós consideremos a alternativa a Providência ou átomos (ou deuses providenciais versus não-providenciais) é bem claro que ele próprio acaba tomando lado da Providência. Por exemplo, IV 27: ‘ou o bem-ordenado universo,

^{17[18]} Nós percebemos a ausência da alternativa aristotélica de mundo em que há uma ordem e propósito que não são produto do design; considerações sérias disto teriam feito essa discussão mais complexa.

^{18[19]} Rist, p. 43.

ou uma massa heterogênea amontoada, que ainda assim forma uma ordem;^{19[20]} ou pode ser que uma certa ordem subsista em si própria, mas desordem no todo, e também que todas as coisas são distintas e ainda assim interfusas e conectadas por uma simpatia comum?’ Aqui parece como se Marco está trazendo a tona a visão de mundo Epicurista apenas para dispensá-la com a justificativa de que é inadequada como uma explicação. Similarmente em XI 18: ‘se todas as coisas não são meramente átomos, natureza deve ser um poder que governa o todo, e se for dessa forma, as coisas mais baixas existem por causa das mais altas, e as mais altas por outra’ – onde essa conclusão é certamente algo que o próprio Marco aceita.

Qual é o ponto de lembrar a si próprio de uma alternativa filosófica que você considera falsa? Eu acho que a resposta começar com um número de passagens^{20[21]} onde o ponto é que, qualquer alternativa que seja verdadeira – Providência ou um mundo resultante de eventos aleatórios – a correta atitude para com a sua morte é a mesma. Epicuristas notoriamente defendiam que ‘a morte não é nada para nós’; ela não afeta os vivos, porque não há um evento na sua vida a ser temido, e ela não afeta os mortos porque eles não mais existem. Nessas passagens Marco saliente o ponto de que a morte é o fim de você; você não sobrevive a sua morte e uma vez que você aceita completamente aceita esse ponto você vê que a morte não é para ser temida. E disso, por sua vez, flui um número de importantes mudanças na sua atitude em relação a sua vida. A calma confrontação do nada após a morte resulta, Marco pensa, de ambas as visões de mundo Estóica e Epicurista. ‘Alexandre o Grande e seu palafrenero foram nivelados na morte; pois ambos foram levados de volta ao mesmo princípio gerador do universo ou foram espalhados imparcialmente em átomos’ (VI 24). ‘Então se lembre disso, que ou esse composto que forma você deve ser disperso, ou então seu sopro da vida deve ser extinguido ou removido daqui e posto em outro lugar’ (VIII 25.)

Estóicos e Epicuristas ficam juntos nesse tópico, oposto a Platonistas e outros que acreditam na sobrevivência pessoal de alguma forma após a morte. Marco frequentemente lembra a si próprio que após a morte não há sobrevivência de nada pessoal. Minha vida, a sua, a todo mundo, alta ou baixa, é apenas um processo natural que começa e termina em certos pontos, mas é apenas um momento passageiro na grande progressão da natureza, que como um todo é indiferente às vidas individuais e seus feitos. Em uma passagem (XII 5) Marco levanta o problema de que se o mundo é de fato ordenado pela Providência, então parece estranho que os virtuosos – não Alexandre o grande, claro, mas viventes de boas vidas como Sócrates – deveriam simplesmente ser extintos completamente após a morte, como Alexandre, para não mencionar o palafrenero. Nós podemos entender seu ponto; pode parecer injusto que a virtude,

^{19[20]} O texto está corrompido aqui, mas seria razoável para Marco apontar que até os Epicuristas acreditam que o mundo é ordenado; eles apenas explicação isso (inadequadamente, ele pensa) em termos de princípios definitivos que não fazem referência a ordem.

^{20[21]} II 11, VI 10, 24, VII 32, VIII 25, XII 34.

a única coisa que realmente importa na vida, o elo pelo qual criaturas racionais são ligadas em uma comunidade mundial, não deva deixar nenhum traço após a vida individual, assim como personagens de glória e fama efêmeros, dos quais Marco está tão consciente. Sua resposta, entretanto, é a de que pensar nisso como injusto é ‘debater uma visão de justiça com deus’, e fazer isso é falhar em apreciar a perfeita bondade dos deuses (isso é, da Providência). Nós temos que concluir, então, que isso simplesmente não é possível, e ajustar as nossas atitudes para tal. Morte é o fim de mim, e esse é um ponto o qual eu tenho que fixar firmemente minha mente como o ponto inicial de um número de outras atitudes.

Nós podemos, portanto, ver porque Marco se preocupa em pensar sobre uma alternativa cósmica que ele considera ser falsa. Pois até esses que defendem isso podem vir às mesmas, ou muito similares, conclusões éticas que os Estóicos. E essa convergência ética é algo que ele vê como valioso para os Estóicos pensarem a respeito. ‘O que deveria nos excitar mais fortemente a sentir desprezo pela morte é o fato de que até aqueles que julgam prazer como bom e dor como ruim a desprezaram de qualquer forma’ (XIII 34). As conclusões éticas pelas quais Marco vive podem ser divididas por pessoas cujos pontos de partida estão em completa variação com o seu próprio. Ele claramente vê essa concordância como fortalecendo essas conclusões e constituindo uma forte razão para pensá-las como verdadeiras.

A disposição de Marco para achar valor no que Epicuro diz é compartilhada por Sêneca^{21[22]}, outro Estóico disposto a levar Epicuro a sério o bastante para valorizar concordância. Marco aponta que princípios como aqueles demonstrados por Epicuro ao se comportar de maneira despreziosa sobre sua doença são ‘comuns a todas as escolas’ (IX 41) e ele cita Epicuristas que apelam a modelos fora de sua própria escola (XI 25). Ele parece valorizar convergência em crenças éticas centrais; notavelmente, ao invés de sair por aí procurando por concordância com muitas outras escolas ele se concentra em concordar em ética com pessoas cujo pano de fundo metafísico não poderia ser mais divergente. O caminho pelo qual ele entretém que o lado ‘átomos’ da disjunção ‘átomos ou Providência’ é, portanto, contra-factual; ele defende que isso é falso, mas que é de valor considerá-lo como uma opção viável porque mesmo aqueles que defendem isso têm o que Estóicos acreditam ser a atitude correta em relação à morte.

É válido notar que Marco pensa que os Epicuristas também tem a correta atitude em relação a dor; ele provavelmente cita o ditado de Epicuro que diz que a dor é ou suportável ou curta (VII 33) e lembra a si próprio de pensar no dito de Epicuro que nós devemos ter em mente os limites da dor e não adicionar a isso nossa própria imaginação (VII 64). Ele também

^{21[22]} Sêneca livremente nota tanto concordância quanto discordância com Epicuro. Carta 33 expressa sua visão que Epicuristas deveriam aceitar o dogma de seu Mestre como autoritário, enquanto os Estóicos são intelectual mais livres na sua aceitação de idéias Estóicas. Sêneca claramente sente que sua atitude em relação às palavras de Epicuro são diferentes daquelas de um Epicurista.

concorda com Epicuro, embora ele não aponte isso explicitamente, em um aspecto controverso da atitude de que a morte não é um mal: ela não nos priva de bens, e portanto uma vida mais longa não é intrinsecamente preferível a uma mais curta – o que importa é o modo pelo qual você vive a vida que você tem. Marco salienta diversas vezes que uma vida bem-vivida não é interrompida prematuramente pela morte – não é como uma peça interrompida por um ator indo embora no terceiro ato ao invés de ficar todos os cinco.^{22[23]} Estóicos e Epicuristas mais uma concordam, dessa vez contra Aristotélicos, que para o virtuoso não há tal coisa como uma morte prematura; felicidade não é prolongada por quantidade de vida.

Então os tópicos em que Marco encontra convergência ética com os negadores da Providência são centrais para a vivência de sua vida de uma maneira ética. Isso não é apenas concordância em alguns pontos acadêmicos; parece que Epicuristas entendem as coisas éticas corretamente de muitas formas importantes. Reconhecendo convergência ética é uma estratégia conciliatória; ela traz oponentes aparentemente irreconciliáveis para uma conversação ao invés de deixá-los fora dela. Mas Marco está também permitindo algo importante nessas passagens mesmo sem conceder a verdade ao Epicurianismo. Quando alguém vive certo de acordo com esses princípios éticos centrais, então não é necessariamente por estar aceitando a visão de mundo Estóica. Pois se fosse, os Epicuristas não poderiam entender corretamente esses pontos; mas eles entendem. Nós voltaremos a isso mais tarde.

VII

Existem também passagens onde é menos claro se Marco está aceitando o lado Estóico da disjunção que ele oferece a si próprio. Algumas vezes, ao invés de defender a alternativa Epicurista contra-factualmente, ele parece mais ter a mente aberta do que a aceitar isso como sendo verdade. Mas essas são freqüentemente passagens elusivas ou inconclusivas, e freqüentemente é difícil estar certo da interpretação correta – não surpreendente, se o próprio Marco está pensando sobre assuntos dos quais ele é incerto.

‘[T]alvez você esteja descontente com o que foi repartido a você do todo? Então chame a mente a alternativa, “ou providência ou átomos”, e todas as provas de que o universo deva ser considerado como um tipo de estado constitucional (*polis*).’ Pretendemos inferir que essas provas estão destinadas a serem sucedidas e irão levar a opção ‘átomos’? Talvez. Similarmente

^{22[23]} Para a peça abortada quando o ator vai embora mais cedo ver III 8, XII 36. Contrasta o argumento de Gisela Striker contra atitudes Epicuristas em relação a morte baseada na idéia de que a vida humana tem uma forma e uma conclusão como aquela de uma peça ou uma opera: ‘Comments n Mitsis’ em *Proceedings of the Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy* 4 (1989), 315-320. Para a atitude de Marco de que mais vida não é necessariamente melhor ver II 11, 14, III 10, IV 47. Ver IV 50 para consideração bem parecidas ao ‘argumento simétrico’ de Lucrecio ((*De Rerum Natura* III 832-842) que diz que nós não devemos temer nossa não-existência após a morte mais do que nós tememos nossa não-existência antes do nascimento.

elusiva é a sugestão de que terá um efeito calmante pensar nas alternativas: ou tudo está sob o domínio da razão, ou não está (VII 75). É loucura culpar o que está fora de si próprio, quer sejam átomos ou deuses (VII 17).

Em um todo, isso não parece tão longe quando ele propõe a alternativa a si próprio de providência ou átomos, Marco está suspendendo juízo em relação a qual é realmente o caso. Algumas vezes é claro que ele aceita o lado da Providência; algumas vezes ele parece menos certo, mas seu pensamento é elusivo. Quando ele propõe a disjunção, o lado dos ‘átomos’ é geralmente entretido contra-factualmente.

VIII

Existem, entretanto, passagens em que ele sugere que, ao menos algumas vezes, Marco está preparado para suspender compromisso a Providência Estóica. Em uma, ele diz que as coisas estarão bem se os deuses, sendo bons, se importarem com ele como um indivíduo; até se eles se importarem com o mundo como um todo ele pode dar as boas-vindas a isso, sendo parte do todo. ‘Mas se nós imaginarmos que eles aceitam conselho sobre nada’ – algo que Marco acha doloroso pensar a respeito, uma vez que isso ‘seria uma falta de piedade crer’, mas, ele força a si mesmo a encarar – ‘ainda assim é possível para eu aceitar conselho sobre mim próprio, e sou eu quem tenho que considerar aonde está meu próprio benefício. E o benefício de todo ser está no que acorda com sua própria constituição e natureza. Agora minha natureza é a de um ser racional e social. Como Antonino, minha cidade e pátria é Roma; como ser humano, é o universo; então o que traz benefício a esses é todo o bem para mim’ (VI 44). Em outro lugar nós o encontramos assegurado de que, quer a visão de mundo Estóica ou Epicurista esteja correta, ainda possa ser assumido de que ele é parte da unidade natural dos seres racionais, e ligado a outros seres racionais por um sentimento de parentesco com eles. E isso é o que ele precisa para uma vida feliz (X 6).

Essas passagens podem parecer à primeira vista pertencer sob o primeiro cabeçalho, mas há algo surpreendente sobre elas e as que se seguem: o modo como Marco expressa confiança nos poderes de sua própria mente para encontrar o correto caminho ético, até quando não começa com a Providência. Até quando tudo é governado pelo acaso, isso não é razão para deixar-se ser governado pelo acaso (IX 28); encarado pelo que parece ser a verdadeira escolha entre Providência ou átomos, Marco diz a sua faculdade governante para acordar e refletir (IX 39). Mais surpreendente, ele diz a si mesmo que se o mundo é meramente sem propósito e aleatório, ele ainda pode ser feliz de que ele tem um intelecto guia que não está sujeito às tempestades do mundo do mesmo jeito que outros aspectos dele estão (XII 14). De muitas maneiras esses pensamentos podem ser vistos como uma extensão natural do seu freqüente sentimento de isolamento em um mundo efêmero e mutável. Algumas vezes ele coloca entre parênteses ou suspende seu comprometimento a visão de mundo que claramente significa tanto a ele; mas ainda assim ele é deixado com a confiança de que cabe a ele manter seus princípios vivos e não deixa-los morrer (VII 2).

A insistência de Marco de que ele pode confiar no seu próprio intelecto é impressionante e tocante. Como Elizabeth Asmis coloca, ‘Em certos momentos de dúvida... Marco reduz todas suas crenças a uma única convicção: há uma coisa de valor, sua deidade interna, o intelecto. A retração epistemológica é uma forma extrema de sua crença ética fundamental de que ele deve servir seu intelecto.’^{23[24]}

Mas também é notável quantas idéias éticas Estóicas Marco consegue se manter certo a respeito nas circunstâncias. Até suspendendo comprometimento ao pano de fundo metafísico da Providência, ele pode (em VI 44) questionar e deliberar sobre o que está para o seu benefício, e concluir não apenas que o que é para seu benefício é o que está de acordo com sua natureza e constituição, mas que sua natureza é aquela de um ser que é racional e social. Além disso, ele reconhece dois tipos de alegações que sua natureza faz nele; que como o indivíduo que ele é, o Imperador, sua pátria é Roma; mas que como ser humano é o universo. Sua bondade então está no cumprimento dos deveres que vêm com ambos papéis. Além disso (em X 6) ele concebe seu papel como um cidadão do mundo como aquele o de uma parte do todo, que deve aceitar o que se sucede tendo como base de que isso é para o bem do todo, assim como um cidadão de uma cidade individual. Está na vivência de acordo com isso que ele encontra uma vida que ‘flui suavemente’ – a vida feliz Estóica. Em XII 24 ele sugere três regras para se viver. Primeiro, ter um objetivo geral, e não culpar as circunstâncias, quer sejam elas causadas pelo acaso ou pela Providência. Segundo, pensar no que está implicado pela sua natureza, e terceiro para olhar aos assuntos humanos com uma perspectiva aérea que revele sua significância. Quer seja chance ou Providência que comande o mundo, isso é, ele deve permanecer na estrutura fundamental eudaimonística de procurar seu bem geral, e fazer isso no caminho Estóico de reflexão racional, para pensar em si próprio como um membro entre outros de uma comunidade de razão, não ligado meramente aos seu contexto social individual.

Além disso Marco mantém não apenas a crença na funcionabilidade de seu próprio intelecto, mas crê em alguma idéias éticas caracteristicamente Estóicas, principalmente de que ele alcançará felicidade atuando no seu papel como parte de um todo maior, uma comunidade de seres racionais, Até enquanto levando a sério a idéia de que o mundo possa faltar propósito ou significado, ele não perde a confiança no caminho Estóico de pensamento ético e de vivência de sua vida. Ele continua a ver o mundo como ele via antes; ele devia achar felicidade na busca de seus bem como um ser racional entre outros,^{24[25]} um indivíduo com um lugar social e função que é também capaz de comunidade com todos os outros seres racionais.

^{23[24]} Asmis p. 2252.

^{24[25]} É estranho que em X 6 ele está preparado para continuar falando em termos de natureza do cosmo, dizendo que diferente outras naturezas, ela não sofre nenhuma compulsão externa de produzir nada nocivo a si propria? Não é justamente essa parte da crença que ele está suspendendo compromisso? Se for, Marco então estaria progredindo bem como um céptico aqui, vivendo pela aparência de que, por causa da

Como temos visto, as passagens onde Marco entrém o pensamento de que não deve haver alternativa a providência, e na maioria das vezes ele não permite isso ser verdade. Mas todas as passagens mostram uma atitude de relativa disposição ou a por entre parênteses ou a suspender o pano de fundo providencial da ética Estóica, ou a olhar para as conseqüências como uma alternativa incompatível, enquanto retendo confiança na visão ética em si.

IX

Eu vou retornar a questão de se isso é de alguma maneira não-Estóica. Primeiro nós temos que encarar o problema de que parece paradoxal a Marco de todas as pessoas mostrar sua disposição. Pois os escritos de Marco são cheios de passagens onde ele parece argumentar diretamente da ordem de mundo providencial para conclusões éticas. Ele divide com Epíteto a tendência a embutir exortação ética em um contexto de visão de mundo Estóica.

Aqui está uma passagem de muitas: ‘Você deve considerar a realização e plenitude de que parece ser bom para a natureza universal na mesma luz que a segurança de sua saúde, e então vem a dar boas-vindas a nós, mesmo se parece de certa forma impalatável, porque isso contribui a esse grande fim, a saúde do universo e o bem-estar e bem-fazer de Zeus’ (V 8). Marco está constantemente insistindo a si próprio para aceitar, ou fortalecer, atitudes éticas para sua vida como um resultado da reflexão de que ele é parte de um todo maior, o providencialmente ordenado cosmo. Em suas reflexões ele não separa ética, como um tópico, do tópico da metafísica; ele não os discute como partes distintas da filosofia. Ao invés disso, ele move diretamente entre considerações pertencentes a cada uma. Ele até diz em um ponto que, ‘Como médicos sempre mantêm suas facas e instrumentos à mãos para lidar com casos de emergência, também você deve manter suas doutrinas prontas, para permitir a você entender coisas divinas e humanas, e também para realizar toda ação, até a mais pequena, como um que é atento ao elo que une os dois reinos; pois você nunca irá agir bem em nenhum de seus negócios com os humanos a não que você se refira isso ao divino, e converse em seus negócios com o divino’ (III 13).

Passagens como essa me levaram no passado a caracterizar Marco e Epíteto como argumentando em um modo diferente e mais tardio do que os primeiros Estóicos, para quem ética e física são tratadas como partes distintas da filosofia; mas agora eu acho que isso é um erro.^{25[27]} Os estóicos sempre consideraram a filosofia como consistindo de três partes: lógica,

força do hábito que ele não pode se livrar, nem mesmo enquanto suspende juízo da verdade de uma crença correspondente. Mas é mais razoável aceitar que aqui Marco está suspendendo comprometimento a visão metafísica do cosmo, e que o que ele está retendo é a idéia de comunidade dos seres racionais, pessoas com mentes como a dele próprio, de tal forma que a natureza do cosmo é aqui apenas a natureza de sua comunidade.

^{25[27]} Aqueles interessados na história do erro pode olhar a meu *The Morality of Happiness*, Oxford 1993, pp. 175-176. Eu chego a uma visão melhor na minha réplica a

física e ética, cada uma das quais, claro, deve ser estudada e dominada separadamente, mas que são eventualmente todas compreendidas juntas como formando partes mutuamente cooperativas de um todo. Filosofia é como um ser vivo, feito de esqueleto, carne e sangue; ou um ovo, feito de casca, clara e gema. Portanto deve haver duas maneiras de compreender ética; por conta própria, provavelmente no contexto de argumentos contra outras teorias éticas, e como parte da filosofia Estóica como um todo, fortificada por uma compreensão da lógica e contrastada ao pano de fundo da metafísica Estóica. Com um sistema holístico como esse, será relativamente indiferente a ordem em que as três partes são apreendidas (o professor deve considerar a aptidão e o histórico do aluno) e portanto não é surpresa que nós encontremos ordens alternativas de prioridade para as partes.^{26[28]} Além disso, nós encontramos alguns Estóicos ‘misturando’ as partes.^{27[29]}

O caminho de Marco para proceder é um bom exemplo dessa apresentação misturada, como a de Epíteto. Não há nenhum conflito com a idéia de que filosofia têm três partes, eventualmente compreendidas como um todo, e de que ética e física são duas partes distintas. Há muitos caminhos diferentes dentro da filosofia Estóica, e nenhuma razão para considerar nenhum como ilegítimo, desde que você se segure a idéia de que há três partes a serem apreendidas e que eventualmente essas serão compreendidas como uma totalidade

Há diferenças entre Epíteto e Marco, entretanto, obviamente relacionadas ao fato de que Epíteto é um professor de Estoicismo enquanto Marco está escrevendo privadamente para si próprio. Epíteto aprendeu e estudou todas as partes da filosofia, e sente confiança em lógica e física tanto quanto em ética. Quando ele escolhe ensinar ética, como ele faz (no registro que chegou até nós) de uma maneira mixa, não é porque ele não poderia ensinar ética, lógica e física separadamente se ele quisesse. Marco, por outro lado, considera a si próprio como deficiente em lógica e física.^{28[32]} Ele tenta salvar a si próprio do convencimento de que a

John Cooper em nosso debate em ‘Eudaimonism and the Appeal to Nature in the Morality of Happiness’, *Philosophy and Phenomenological Research* LV # 3, 1995, 587-610.

^{26[28]} Diogenes Laercio VII, 39-41.

^{27[29]} Diogenes Laercio VII 40: 'De acordo com o que alguns deles dizem, nenhuma parte é dada preferência sobre a outra, elas são misturadas. A dação delas foi misturada.' Diogenes vai então reportar ordens diferentes das partes, e a divisão de Cleantes em seis partes. A fortuna de alternativas, nenhuma sendo considerada herética, indica fortemente que, como poderíamos esperar com um sistema holístico, as considerações principais são pedagógicas.

^{28[32]} Jonathan Barnes, em *Logic and the Imperial Stoa*, Brill 1997, mantém que lógica era vigorosamente estudada pelos Estóicos no período imperial, e que Epíteto era bem educado logicamente. Marco, por constraste, ele considera (p. 11) como um 'caso sem esperança', sem nenhuma educação ou apreciação pela lógica.

reflexão não é mais aberta a ele viver toda ou até a maior parte de sua vida como filósofo; ‘pois você tornou claro para muitas pessoas, inclusive a si próprio, que você está longe de uma filosofia’ (VIII 1). Em outro lugar ele diz a si mesmo não se desesperar em progresso ética ‘apenas porque você resignou qualquer esperança em exceder em dialética e filosofia natural’ (VII 67).^{29[33]} Marco está consciente que sua deficiência em lógica e física significa que sua compreensão do Estoicismo é incompleta.^{30[34]} Uma vez que falta a ele a profundidade necessário de entendimento de seu pano de fundo metafísico, e das técnicas lógicas necessárias para estar certo de que os argumentos são fortes e bem-defendidos.

X

Nós podemos ver, então, que não há nada paradoxal em Marco ser preparado algumas vezes para suspender o cometimento ao pano de fundo metafísico Estóico para sua ética, ou em considerar alternativas incompatíveis a isso, enquanto sua própria apresentação para si mesmo da ética é completamente ‘misturada’ com e embutida em considerações sobre a Providência e outros aspectos da metafísica Estóica. Marco media sobre pensamentos éticos no contexto da Providência porque essa apresentação ‘mista’ fala mais diretamente e urgentemente a ele (como presumidamente fez com pupilos de Epíteto). Não é de nenhuma forma incompatível com Marco sendo perfeitamente consciente das três distintas partes da filosofia Estóica e sua eventual unificação em um todo. Nós não temos nenhum motivo para pensar nele ignorante dos tratamentos da ética Estóica quando apresenta ela separadamente da metafísica, embora ele escolha não ir por esse caminho.^{31[35]} De fato, ele deve estar consciente que a ética pode ser

^{29[33]} Em VIII 1 ele diz que a boa vida não está em silogismos mais do que em riquezas, status e contentamento. Essa colocação é um pouco litigiosa: compreensão da ética Estóica não precisa ser suportada por riqueza, etc., mas é, normalmente, necessária para suportar a compreensão de lógica, então, bemora nenhum desses candidatos constitua felicidade, lógica é relevante para a felicidade, para um Estóico, de uma forma que as outras não são.

^{30[34]} No fim do primeiro livro ele lista entre suas ocasiões pela gratidão pelo fato de que quando ele se tornou apaixonado por filosofia ele não se encontrou com um sofista ou ‘resolveu silogismos ou estudou sobre matérias nos céus’. Essa necessidade não significa, entretanto, que ele está agradecido por ser ignorante desses assuntos agora; manifestamente ele não é, e em II 3 diz a si mesmo de forma bem patética para acabar com sua sede por livros. O que Marco é grato é pelo fato de que quando ele se apaixonou por filosofia (epethumesa) seus interesses eram resultado dirigidos em caminhos éticos sérios, de forma que ele não se tornasse um lógico ou cientista físico. Isso é consistente com o pesar de que ele não é melhor treinado no pano de fundo lógico e físico da ética Estóica, agora ele entende sua importância.

^{31[35]} Nós não temos nenhuma razão forte para pensar nele como um leito de *De Finibus* de Cícero, o melhor exemplo de tal apresentação que chegou até nós. Ainda

estudada independente da metafísica, uma vez que de outra forma ele não poderia, ao ter visionado a convergência com Epicuristas, ele tão frequentemente mencione as questões de morte e dor. Se ética estivesse de fato presa dentro de seu pano de fundo metafísico, então não existiria tal coisa como concordância ética com Epicuro, e o argumento ético poderia proceder apenas por primeiramente convencendo a oposição da Providência, e portanto se recusando até em entreter a alternativa 'átomos'. E Marco claramente não aceita isso, de qualquer forma 'mista' que seja seu próprio compromisso com ética e metafísica.

O tratamento 'misto' de Marco em relação a ética e metafísica é, portanto, de nenhuma forma incompatível com sua ocasional insistência em destacar si próprio. De fato, é irresistível especular que deve ter sido precisamente seu doloroso sentimento de ser defeituoso em seu entendimento da metafísica Estóica que torna possível para ele destacar si próprio disso ocasionalmente enquanto mantendo, inalterada, sua fidelidade a ética Estóica.

Então, quando Marco ocasionalmente reafirma confiança na alegação ética Estóica enquanto suspendendo comprometimento a Providência, ou notando concordância com Epicuristas que a rejeitam, nós não precisamos concluir que para ele Estoicismo se tornou uma questão de fé religiosa não-intelectual, nem que ele alguma vez se retira para um tipo de existência focada somente nele próprio sozinho em um mundo hostil. Ao invés disso, o que ele está fazendo é perfeitamente Estóico, embora defeituoso quando julgado pelo ideal acadêmico de especialização em todas as três partes da filosofia. O que é perfeitamente consistente com o modo que Marco normalmente pensa a virtude no contexto da comunidade universal da razão. Mas nós também poderíamos entender porque para Marco é uma tragédia que sua vida exclua seu tornar-se em filósofo de forma que aquilo daria a ele uma apreensão firme não apenas da ética, mas também de todo o Estoicismo, e portanto em ética em seu contexto total. Pois isso não deve em nada ao ideal Estóico do sábio. Não é surpresa que Marco sinta constantemente que ainda tem um longo caminho a seguir, e que suas circunstâncias façam o progresso ético peculiarmente difícil para ele.^{32[36]}

assim é difícil de pensar que alguém com um interesse em filosofia sendo completamente ignorante dos textos que discutiram e compararam teorias éticas sem seus panos de fundo metafísicos. A divisão de teorias éticas de Carneades reflete e indubitavelmente prosseguiu toda uma tradição de tais discussões. Existem, além disso, teorias híbridas, como aquelas de Antíoco, que combinam teorias éticas tão distintas. E no tempo de Marco havia uma bem estabelecida tradição de éticas populares, a serem encontradas em escritores tais como Maximus de Tiro e satirizadas na figura do Nigrinus o Platonista de Lucian, que misturou éticas Estóicas e Platônicas, cortando as duas de seu pano de fundo metafísico com o propósito de aumentar a convergência entre elas. A insistência de Marco em 'misturar' ética com metafísica com certeza representa uma distinta escolha pessoal, para as quais haviam alternativas.

^{32[36]} Eu sou muito grata pelos comentários úteis de Christopher Gill e Brad Inwood.

© Julia Annas

Tradução de Rodrigo Alonso do original em inglês.

Para citar, observe a referência ao tradutor, ao Centro de Estudos em Filosofia Americana (CEFA)

www.pragmatismo.org e ao Portal Brasileiro da Filosofia www.filosofia.pro.br